

Psicologia em Pesquisa

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>

Violência Psicológica em Relacionamentos Hétero-Cis: Implicações na Saúde Mental das Mulheres

Psychological Violence in Heterosexual-Cisgender Relationships: Implications for Women's Mental Health

Violencia Psicológica en Relaciones Hetero-Cis: Implicaciones para la Salud Mental de las Mujeres

Júlia Gabriela Antunes Fonseca¹ & Diego Costa Lima²

¹ Universidade do Estado de Minas Gerais. *E-mail:* psijuliagfonseca@gmail.com *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-6520-0113>

² Universidade do Estado de Minas Gerais. *E-mail:* diegopsicologia@yahoo.com.br *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-5641-4726>



Informações do Artigo:

Júlia Gabriela Antunes
Fonseca

psijuliaqfonseca@gmail.com

Recebido em: 20/05/24

Aceito em: 01/04/25

RESUMO

A violência psicológica por parceiros íntimos contra as mulheres proporciona impactos na saúde mental. Investigou-se, mediante a escalas, a violência psicológica, autoestima, depressão, ansiedade e o estresse de mulheres-cis brasileiras que se relacionaram com um homem-cis por no mínimo seis meses. Os resultados indicaram que mulheres que não estavam em um relacionamento obtiveram escores significativamente mais elevados do que aquelas que estavam com um parceiro em relação à média de Violência Psicológica direta e indireta e de Autoestima. Evidenciam-se impactos na saúde mental das mulheres e considera fundamental estratégias de divulgação de informação e acompanhamento jurídico e psicológico.

PALAVRAS-CHAVE:

Violência psicológica; Autoestima; Saúde mental; Mulheres.

ABSTRACT

Psychological violence by intimate partners against women impacts mental health. Psychological violence, self-esteem, depression, anxiety and stress among Brazilian cis women who had a relationship with a cis man for at least six months were investigated using scales. The results indicated that women who were not in a relationship obtained significantly higher scores than those who were with a partner regarding the mean levels of direct and indirect Psychological Violence and Self-Esteem. There are evident impacts on women's mental health, and strategies for disseminating information and legal psychological support are considered essential.

KEYWORDS:

Psychological violence; Self-esteem; Mental health; Women.

RESUMEN

La violencia psicológica por parte de parejas íntimas contra las mujeres impacta la salud mental. Se investigaron, mediante escalas, la violencia psicológica, la autoestima, la depresión, la ansiedad y el estrés de mujeres cis brasileñas que mantuvieron una relación con un hombre cis durante al menos seis meses. Los resultados indicaron que las mujeres que no estaban en pareja obtuvieron puntuaciones significativamente más altas que las que estaban en pareja con relación al promedio de Violencia Psicológica directa e indirecta y autoestima. Hay impactos evidentes en la salud mental de las mujeres y se consideran esenciales estrategias de difusión de información y apoyo legal y psicológico.

PALABRAS CLAVE:

Violencia psicológica; Autoestima; Salud mental; Mujeres.

De acordo com Nicolodi e Hunziker (2021), o patriarcado pode ser compreendido enquanto um conjunto de regras e contingências sociais que oferecem aos homens considerável domínio sobre os reforçadores e punidores sociais, isto é, poder. Dessa forma, percebe-se relevantes prejuízos para as mulheres e consequências como opressão, exploração, estupro e feminicídios. Assim, torna-se importante compreender a desigualdade de gênero no aspecto de sua associação com a violência, considerando a posição desigual das mulheres nas relações e

na sociedade, bem como o uso normativo da violência para resolução de conflitos, que podem ser apresentados como importantes fatores de risco (World Health Organization, 2010).

Nesse sentido, Hooks (1952/2020) considera a violência patriarcal enquanto uma aceitação de que um indivíduo mais poderoso possa controlar outra pessoa mediante a diversas forças coercitivas, estando intimamente relacionada ao pensamento sexista e à dominação masculina. Desse modo, nesse tipo de cultura, as pessoas podem ser socializadas para que a violência seja reconhecida como meio aceitável de controle social. Por conseguinte, o sexismo continua a apoiar a dominação masculina e a consequente violência contra as mulheres.

Diante desse cenário, é imprescindível considerar a violência de gênero enquanto uma realidade do mundo e do Brasil. Destaca-se, em território brasileiro, a lei 11.340 (Lei Maria da Penha), a qual protege mulheres em situação de violência doméstica em diferentes espaços de convivência e sem necessariamente conviver, sendo considerados os abusos físico, psicológico, sexual, patrimonial e moral. Apesar de ser considerada a maior conquista alcançada na luta feminista e garantir proteção e assistência às mulheres, muitas delas ainda se silenciam e são silenciadas diante dos abusos sofridos (Souza et al., 2020).

No cenário global, evidencia-se que 38% dos homicídios de mulheres são devido à violência conjugal (World Health Organization, 2013) e que, em 2019, aproximadamente 243 milhões de mulheres passaram por violência sexual, física ou psicológica, causada por um parceiro íntimo (ONU Mulheres, 2020). Nesse sentido, uma pesquisa realizada pelo DataFolha e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública ([FBSP], 2021), durante a pandemia da COVID-19, demonstrou que o tipo de violência mais frequentemente relatado foi a ofensa verbal, como insultos e xingamentos, da qual cerca de 13 milhões de brasileiras relataram ter vivenciado. Verificou-se também que violências físicas, que acometeram 4,3 milhões de mulheres,

consideradas mais graves implicam em maior busca pelas instituições oficiais, enquanto apenas 25,4% das vítimas de ofensas verbais buscaram um órgão oficial.

Diante disso, considera-se a presença dos relacionamentos abusivos entre homens e mulheres, os quais são fundamentados em uma discrepância de poder de uma pessoa em relação à outra, isto é, desigualdade (Nicolodi & Hunziker, 2021). Assim, os abusos mantêm a relação de poder entre a pessoa que abusa e aquela que é abusada, podendo ser, principalmente, físicos, psicológicos e sexuais (Barreto, 2018). Também podem ser considerados outros tipos de abuso, tais como financeiro, patrimonial, tecnológico, intelectual etc. (Adams et al., 2020; Rehman & Qureshi, 2016; Rogers et al., 2022).

Dentre esses tipos, o abuso psicológico contra as mulheres configura-se como uma violência hierarquicamente construída por meio das relações de poder mediante a subordinação da mulher ao homem, podendo ser a mais difícil de ser identificada apesar de bastante frequente (Paiva et al., 2020). Essa violência pode ser compreendida como toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa, tais como ameaças, humilhações, chantagem, cobranças de comportamento, discriminação, exploração e/ou isolamento (Silva et al., 2007). Dessa forma, compreende-se como violência psicológica direta aquela sofrida de forma direcionada e objetiva para fazer com que a mulher se sinta inferior, constrangida e/ou incapaz, como menosprezo, culpabilização e responsabilização da parceira. Já a violência psicológica indireta pode ser identificada por abusos emocionais mais sutis, mas que também visam controlar, dominar e isolar, limitando o convívio social da mulher (Bastos & Sá, 2021).

Assim, o abuso psicológico pode envolver jogos mentais, capacidade de distorção das situações, falta de responsabilidade e depreciações, que deixam a maioria das mulheres com sentimentos de confusão, mágoa, irritabilidade, vergonha e remorso. É importante destacar,

ainda, que tais sentimentos muitas vezes perduram muito além do rompimento da relação abusiva. Alguns abusos são evidentes, outros não. Além disso, alguns abusos podem ser vistos, mas rapidamente retraídos ou seguidos de uma interação positiva, de modo que a mulher possa se sentir confusa ou mesmo em conflito em relação aos maus-tratos, sendo esses denominados como abusos sutis (Neal, 2018). Dessa forma, as mulheres podem apresentar comprometimento da saúde mental devido aos traumas e possíveis consequências psicológicas, tais como depressão, ansiedade, autoestima, entre outras (Pereira et al., 2018; World Health Organization, 2010).

Pode-se considerar que os homens também podem se encontrar em situação de relacionamento abusivo para com uma mulher. No entanto, de acordo com uma pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023) cerca de 28,9% das mulheres afirmam ter sido vítimas de algum tipo de violência ou agressão, a maior taxa já registrada na série histórica dos relatórios que são publicados a cada dois anos desde 2017. Nesse sentido, torna-se fundamental a compreensão das implicações do abuso psicológico no contexto brasileiro.

Dentre os diferentes públicos que podem ser afetados, destaca-se as mulheres em relacionamento íntimo com homens, tendo em vista que, como afirma Neal (2018), “as mulheres têm sido dominadas pelos homens ao longo da história, muitas vezes alvo de atos violentos que as forçam a se submeter” (p. 18). O estudo com este público apresenta, portanto, relevância ao proporcionar contribuições sociais e científicas a partir da compreensão dos fenômenos psicológicos que podem ser observados em mulheres que estão ou já estiveram em um relacionamento abusivo com um homem, destacando-se a violência psicológica nesse cenário.

Posto isto, considera-se que este trabalho compreende uma temática recente que ainda necessita de mais estudos empíricos nacionais e internacionais. Para tanto, buscou-se mensurar e verificar possíveis associações entre a violência psicológica, a autoestima, a depressão, a ansiedade e o estresse de mulheres-cis brasileiras, com idade mínima de 18 anos, que estiveram ou estão em um relacionamento íntimo com um homem-cis por no mínimo seis meses. Tais associações foram assim consideradas de forma a corroborar estudos nacionais que utilizaram essas variáveis como desfecho. Importa ressaltar que essa dinâmica abusiva nas relações íntimas também pode ocorrer em relacionamentos homoafetivos. Entretanto, como os dados oficiais apresentam que o principal autor tende a ser o companheiro ou ex-parceiro, optou-se por enfatizar a relação entre homens e mulheres.

A violência psicológica, também conhecida como abuso psicológico ou emocional, pode ser compreendida como ato verbal intimidador e coercitivo, ou ainda enquanto uma agressão emocional mediante à humilhação e/ou discriminação que ocasiona o rebaixamento da autoestima da vítima (Paiva et al., 2020). Já a depressão pode ser caracterizada por baixo afeto positivo, desesperança e baixa autoestima, enquanto a ansiedade é associada à hiperestimulação fisiológica e o estresse à tensão persistente e à irritabilidade (Vignola & Tucci, 2014). Por fim, compreende-se a autoestima como um conjunto de sentimentos e pensamentos do sujeito a respeito de seu próprio valor, sua competência e adequação, que se refletem em uma atitude positiva ou negativa em relação a si próprio (Hutz et al., 2014).

Método

Participantes

A amostra deste estudo foi composta por 307 mulheres cisgênero com idade média de 28 anos, sendo a idade mínima e máxima, respectivamente, 18 e 71 anos. Em relação à cor, 59% ($n = 181$) se declararam brancas, 29% ($n = 89$) pardas, 11,40% ($n = 35$) pretas e 0,7% (n

= 2) amarelas. No que diz respeito à sexualidade, 71,34% ($n = 219$) da amostra se identificou como heterossexual, 24,76% ($n = 76$) como bissexual e 3,91% ($n = 12$) respondeu como possuindo outra orientação sexual.

Observou-se também que 78,18% ($n = 240$) das mulheres afirmaram não ter filhos, 61,24% ($n = 188$) afirmaram ter uma religião e 46,25% ($n = 142$) responderam possuir ensino superior completo, além de que 75,90% ($n = 233$) afirmaram possuir renda financeira própria. No que se refere ao relacionamento, 76,22% ($n = 234$) das participantes estavam com um parceiro no momento em que participaram do estudo enquanto 23,78% ($n = 73$) estavam solteiras ou divorciadas. Houve a participação de mulheres de quase todas as regiões do território brasileiro, com prevalência do Sudeste (88,27%; $n = 271$), seguido pelas regiões do Norte, com 5,21% ($n = 16$), do Nordeste, com 4,56% ($n = 14$), do Sul, com 1,30% ($n = 4$) e do Distrito Federal com 0,65% ($n = 2$). Não houve participantes da região Centro-Oeste do país.

Nessa amostra, 33,23% ($n = 102$) das participantes já tiveram pelo menos um relacionamento de no mínimo seis meses com um homem-cis enquanto 31,59% ($n = 97$) e 16,94% ($n = 52$) já tiveram, respectivamente, dois e três parceiros íntimos. Além disso, 50,5% ($N = 155$) destacaram algum(a) amigo(a) em sua rede de apoio para conversar sobre o relacionamento íntimo; 21,82% ($n = 67$) consideraram algum profissional da saúde (psicóloga, médico, fisioterapeuta etc.) e 10,75% ($n = 33$) afirmaram ser algum membro familiar (irmão, irmã, tio, tia etc.). Destaca-se que 14,66% ($n = 45$) responderam que não costumam conversar sobre seu relacionamento com alguém.

Instrumentos

A avaliação da violência psicológica foi realizada pelo instrumento brasileiro denominado Escala de Violência Psicológica em Relacionamentos Íntimos Contra a Mulher (EVIPRIM) desenvolvido por Bastos e Sá (2021). Essa escala possui 36 itens, sendo

considerados dois fatores: um com 24 itens que avaliavam Violência Psicológica Direta (VPD) e outro com 12 itens que avaliavam Violência Psicológica Indireta (VPI). As escalas das respostas são do tipo Likert com variação de 0 (nunca) e 4 (quase sempre).

Para a avaliação da depressão, ansiedade e estresse, utilizou-se a Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse (DASS-21) traduzida e validada para o Brasil por Vignola e Tucci (2014), porém empregando algumas adaptações culturais propostas pelo estudo mais recente de Martins et al. (2019). Este instrumento apresenta 21 afirmativas, as quais são divididas em três fatores. A escala de resposta aos itens é do tipo Likert de quatro pontos variando de 0 (*não se aplicou de maneira alguma*) a 3 (*aplicou-se muito ou na maioria do tempo*).

Por fim, para verificar os níveis de autoestima, foi utilizada a Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR), adaptada para o contexto brasileiro por Hutz et al. (2014). O instrumento é unidimensional, composto por dez itens, sendo capaz de classificar o nível de autoestima em baixo (sentimento de incompetência, inadequação e incapacidade de enfrentar os desafios), médio (oscilação entre o sentimento de aprovação e rejeição de si) e alto (autojulgamento de valor, confiança e competência). As afirmativas são dispostas no formato Likert de quatro pontos, variando de 1 (*concordo totalmente*) a 4 (*discordo totalmente*).

Ademais, também foi aplicado um questionário sociodemográfico para descrever o perfil da amostra a partir de dados como idade, tempo de relacionamento, escolaridade, região do Brasil, raça, entre outras.

Procedimentos de Coleta e Análise de Dados

A coleta de dados foi realizada de modo *on-line*, por meio de um questionário criado no *Google Forms* a partir da concordância prévia das participantes por meio do preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Destaca-se que a pesquisa foi aprovada por um Comitê de Ética em Pesquisa (nº 62940622.3.0000.5115). As participantes

configuraram uma amostra do tipo conveniência acessível por meio das redes sociais, tais como *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram*. Ressalta-se que ao final do questionário foram disponibilizados contatos de rede de apoio e acolhimento psicológico. Poderiam participar voluntariamente deste estudo mulheres-cis, com no mínimo 18 anos de idade, que estavam ou já estiveram em um relacionamento íntimo com um homem-cis por pelo menos seis meses.

Os dados coletados foram analisados nos programas JASP (versão 0.16.3) e *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS; versão 26.0). Assim, foram realizadas estatísticas descritivas por meio de cálculo de médias, desvios-padrão e porcentagens com o objetivo de fazer a descrição da amostra e análise dos dados dos instrumentos utilizados. A consistência interna das escalas foi averiguada a partir do ômega (ω) de McDonald. Para analisar se os dados eram provenientes de uma população com distribuição normal, foi realizado o teste Kolmogorov-Smirnov. Após a verificação da normalidade dos dados, produziram-se análises dos coeficientes de correlação, comparações de médias, regressões múltiplas e outras análises necessárias para uma descrição detalhada dos dados coletados na pesquisa. Nas análises de comparação de médias via Teste *t* de Student e coeficientes de correlação de Pearson, foram realizados procedimentos de *bootstrapping*, com 1000 re-amostragens e 95% de IC BCa. Esse método possibilita a obtenção de uma maior confiabilidade dos resultados uma vez que faz correções dos desvios de normalidade da distribuição da amostra e diferenças entre os tamanhos dos grupos (Haukoos & Lewis, 2005).

Resultados

A análise da normalidade (Tabela 1), realizada a partir do teste Shapiro-Wilk, indicou que todas as medidas avaliadas apresentaram distribuição não-normal dos dados. A consistência interna das medidas, averiguada a partir do ômega (ω) de McDonald, foi considerada adequada.

Tabela 1*Análise da Distribuição dos Dados e Consistência Interna.*

	Shapiro-Wilk		Consistência interna	
	N	Estatística	<i>p</i>	ω
VP Total	307	0,799	0,001	0,976
VP Direta	307	0,821	0,001	0,970
VP Indireta	307	0,704	0,001	0,936
EAR	307	0,981	0,001	0,918
DASS-21 Depressão	307	0,932	0,001	0,926
DASS-21 Ansiedade	307	0,866	0,001	0,890
DASS-21 Estresse	307	0,970	0,001	0,889

Os resultados da comparação sobre a Violência Psicológica Direta (Tabela 2) demonstraram escores significativamente mais elevados nas respondentes que não estavam em um relacionamento atual ($p = 0,001$), sendo identificado um tamanho de efeito grande ($d = 1,079$). Na comparação sobre a Violência Psicológica Indireta (Tabela 2), os resultados também indicaram escores significativamente mais elevados nas mulheres que não estavam com um parceiro no momento ($p = 0,001$), sendo apresentado um tamanho de efeito médio ($d = 0,576$). Em relação à comparação sobre a Autoestima, observou-se escores significativamente mais elevados nas respondentes que estavam em um relacionamento ($p = 0,001$), identificando-se um tamanho de efeito pequeno ($d = 0,465$).

Tabela 2*Comparação de Médias das Variáveis de Violência Psicológica e Autoestima.*

		Escore		Estatística do teste <i>t</i> (Bootstrapping sample)					
		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>d de Cohen</i>	Diferença de Média	IC da Diferença de Média (95%)	
								Limite inferior	Limite superior
VPD	Sem relação	35,37	22,11	7,32	0,001	1,079	20,874	15,413	26,302
	Em relação	14,50	18,40						
VPI	Sem relação	10,74	11,51	3,76	0,001	0,576	5,509	2,709	8,656
	Em relação	5,23	8,89						
EAR	Sem relação	25,71	6,45	3,47	0,001	0,465	-2,976	-4,567	-1,381
	Em relação	28,69	6,38						

Os resultados indicaram correlações significativas, positivas e moderadas entre Violência Psicológica Direta com depressão, ansiedade e estresse (Tabela 3). Ainda foram observadas correlações, estatisticamente significativas, forte e positiva com violência psicológica indireta; e pequena e negativa com a autoestima. Desse modo, esses resultados indicam que as variáveis covariam de maneira proporcional.

Tabela 3*Análises de Correlação de Pearson com Bootstrap.*

	VP direta	VP indireta	Autoestima	Depressão	Ansiedade	Estresse
VP direta	-	0,793*** [0,728, 0,842]	-0,272* [-0,403, -0,143]	0,499** [0,398, 0,593]	0,494** [0,372, 0,605]	0,437** [0,324, 0,543]
VP indireta	-	-	-0,175** [-0,317, -0,035]	0,401** [0,299, 0,501]	0,435** [0,316, 0,533]	0,405** [0,299, 0,502]
Autoestima	-	-	-	-0,636** [-0,696, -0,563]	-0,433** [-0,540, -0,313]	-0,489** [-0,573, -0,394]
Depressão	-	-	-	-	0,697** [0,633, 0,756]	0,752** [0,689, 0,807]
Ansiedade	-	-	-	-	-	-
Estresse	-	-	-	-	-	-

Nota. * = $p < 0,05$; ** = $p < 0,01$; *** = $p < 0,001$.

Os modelos de regressão linear múltipla (método *forward*) foram calculados para averiguar os resultados de diferentes dimensões da saúde mental das mulheres, medidas pela DASS-21, em função da violência psicológica e autoestima (Tabela 4). Os resultados indicaram que os preditores tiveram influências estatisticamente significativas na depressão ($F(2, 304) = 165,842$, $p < 0,001$; R^2 ajustado = 0,519), ansiedade ($F(2, 304) = 100,825$, $p < 0,001$; R^2 ajustado = 0,345) e estresse ($F(2, 304) = 82,339$, $p < 0,001$; R^2 ajustado = 0,347). A autoestima foi o preditor que mais fortemente impactou a depressão e o estresse, explicando 40,44% da variância e 23,64%, respectivamente. Além disso, a violência explicou, em ambos os casos, 11,50%. Por outro lado, a variância dos níveis de ansiedade foi explicada mais fortemente pela violência psicológica (24,59%) do que pela autoestima (9,98%). Análises dos pressupostos de colinearidade, bem como dos resíduos padronizados, distância de Mahalanobis e Cook demonstraram adequação do modelo aos dados.

Tabela 4*Variáveis Predictoras de Depressão, Ansiedade e Estresse.*

Desfecho	Preditores	Coefficientes padronizados <i>Beta</i>	t	Sig.	R²	ΔR²
Depressão	(Constant)	-	21,053	0,000	-	-
	Autoestima	-0,551	-	0,000	0,404	-
	Violência Psicológica	0,351	8,564	0,000	0,519	0,115
Ansiedade	(Constant)	-	9,455	0,000	-	-
	Violência Psicológica	0,417	8,729	0,000	0,246	-
Estresse	Autoestima	-0,328	6,859	0,000	0,345	0,099
	(Constant)	-	14,280	0,000	-	-
	Autoestima	-0,403	-8,445	0,000	0,236	-
	Violência Psicológica	0,346	7,260	0,000	0,351	0,115

Discussão

Este trabalho teve como objetivo avaliar possíveis associações entre a violência psicológica, a autoestima, a depressão, a ansiedade e o estresse de mulheres-cis brasileiras, com 18 anos ou mais, que estiveram ou estavam em um relacionamento íntimo com um homem-cis por no mínimo seis meses. Assim, os dados obtidos indicaram que as participantes que não estavam em um relacionamento no momento da pesquisa apresentaram e conseguiram identificar mais a violência psicológica direta e indireta de uma relação passada do que as mulheres que estavam com um parceiro no momento.

Tais resultados corroboram com o estudo de Queiroz e Cunha (2018). Essas autoras ressaltam que a violência psicológica pode não ser explicitamente reconhecida como abuso, tornando-a mais difícil de ser identificada pelas mulheres em situação de violência. Ainda, os achados de Magalhães (2020) também evidenciam que essa dificuldade no reconhecimento do

abuso se deve ao fato de que os primeiros sinais são mais sutis e que, por isso, podem ser identificados em um estágio mais avançado do relacionamento. Assim, é possível propor a hipótese de que seja mais difícil para as mulheres que estão em uma relação íntima identificar comportamentos de violência psicológica.

Este estudo também evidenciou que a violência psicológica, autoestima, depressão, ansiedade e o estresse são variáveis que covariam de maneira proporcional. Esses achados estão em conformidade com o estudo realizado por Guimarães et al. (2018), o qual identificou que mulheres que estiveram em situação de violência podem apresentar baixa autoestima e desenvolver um quadro depressivo. De forma análoga, Bittar (2012) também verificou que mulheres que sofreram violência podem apresentar sintomas de depressão e ansiedade.

Ainda nesse sentido, os estudos de Lara-Caba (2019) com mulheres dominicanas em situação de violência pelo parceiro íntimo, indicaram que a baixa autoestima está associada de forma estatisticamente significativa a ter vivenciado violência psicológica. De modo semelhante, os resultados da pesquisa realizada por Carneiro e Freire (2015) também sustentam a associação entre violência psicológica e autoestima. Ademais, o estudo de Zancan (2016) indicou que mulheres com histórico de violência conjugal apresentavam níveis leves de ansiedade, moderados de depressão e níveis moderados de dificuldades de regulação emocional.

Outrossim, este trabalho identificou a autoestima enquanto preditora que mais fortemente influenciou a depressão e o estresse. Esse modelo corrobora com o estudo de Kosak et al. (2018), que indicam que a redução da autoestima da mulher pode diminuir em sua confiança própria e originar ou reforçar a crença de inferioridade ou incapacidade, prejudicando a saúde mental e as interações sociais. No entanto, seriam necessários novos

estudos com a finalidade de verificar a possibilidade do desenvolvimento de sintomas depressivos e de estresse conforme o modelo proposto.

O segundo modelo apresentado é que a violência psicológica explicaria consideravelmente a ansiedade. Isso poderia ser explicado pela presença da primeira fase do ciclo de abuso, constituída de tensão no relacionamento. Em conformidade com o trabalho realizado por Neal (2018), a agressão ou mesmo um comportamento passivo-agressivo do homem estabelece uma dinâmica de relacionamento fundamentada no medo. Assim, mesmo que a relação esteja, aparentemente, funcionando bem e sem problemas naquele momento, a ameaça de uma potencial punição deixa a mulher em alerta, podendo resultar em um medo constante ou no desenvolvimento de sintomas de ansiedade conforme o modelo proposto neste estudo.

Considerações Finais

O presente estudo apresenta contribuições importantes. Dentre elas, destacamos a maior identificação da violência psicológica direta e indireta de mulheres que não estavam em um relacionamento íntimo no momento em que participaram da pesquisa do que aquelas que estavam com um parceiro; a identificação de que ter evidenciado a violência psicológica, autoestima, depressão, ansiedade e o estresse covariam de maneira proporcional, bem como ter identificado a autoestima enquanto preditora que mais fortemente influenciou a depressão e o estresse. Desse modo, colabora para a formulação de estratégias de prevenção e promoção à saúde das mulheres inseridas nesse contexto. Segundo Silva et al. (2007), a prevenção da violência psicológica pode se configurar enquanto uma estratégia de prevenção à violência familiar, institucional e social. Por conseguinte, é fundamental que as mulheres e toda a sociedade tenham acesso à assistência psicológica e jurídica a fim de que possam ter conhecimento sobre as características e as complexidades sobre a violência psicológica e os

relacionamentos abusivos, colaborando para com a redução de efeitos psíquicos e de saúde decorrentes dessas agressões.

Considera-se também algumas limitações deste trabalho. Assim, destacamos a impossibilidade de generalização dos resultados na medida em que a maior parte da amostra está concentrada na região sudeste do país. Além disso, este trabalho é pouco expressivo nas categorias de raça e de orientação sexual e não apresenta representatividade de mulheres-trans e de mulheres em relacionamentos homoafetivos. Além do mais, a coleta de dados foi feita de modo exclusivamente *on-line*, dificultando a participação de mulheres que não possuem acesso à internet ou que apresentam alguma dificuldade no manuseio de tecnologias desse tipo.

Sugere-se que os estudos futuros busquem ampliar a participação das mulheres brasileiras para que se obtenham resultados de outras regiões, além de buscar compreender as implicações da raça, orientação sexual e da transgeneridade das mulheres nas percepções da violência psicológica, autoestima, ansiedade, depressão, bem como outros construtos relacionados à saúde mental das mulheres. Propõe-se também analisar outras variáveis, como compaixão, crenças sobre o amor e empatia, uma vez que podem estar relacionadas ao entendimento das mulheres a respeito da percepção de abuso e de si próprias. Dessa forma, avaliar esses construtos pode ser importante uma vez que “é muito comum as mulheres acreditarem que é um sinal de compromisso, uma expressão de amor, suportar grosseria ou crueldade” (Hooks, 1952/2021, p. 167). Assim, pode-se buscar compreender o entendimento das mulheres sobre a violência psicológica e os relacionamentos abusivos relacionando seus conhecimentos às suas experiências. Por fim, sugere-se também que sejam feitos estudos com homens considerando marcadores como raça, faixa etária, escolaridade, orientação sexual, classe, gênero cis e trans, bem como os construtos considerados neste trabalho.

Em suma, este estudo evidenciou que há significativos impactos na saúde mental das mulheres-cis brasileiras que se relacionam com um homem-cis por no mínimo seis meses. Por conseguinte, é fundamental que haja estratégias de divulgação de informação em ambientes de educação e de saúde, acompanhamento psicológico especializado e proteção jurídica, oferecendo ajuda às mulheres em situação de violência e contribuindo para a construção de novas ideias acerca de um relacionamento mais saudável.

Referências

- Adams, A. E., Greeson, M. R., Littwin, A. K., & Javorka, M. (2020). The Revised Scale of Economic Abuse (SEA2): Development and initial psychometric testing of an updated measure of economic abuse in intimate relationships. *Psychology of Violence*, 10(3), 268–278. <https://doi.org/10.1037/vio0000244>.
- Barreto, R. S. (2018). Relacionamentos abusivos: Uma discussão dos entraves ao ponto final. *Revista Gênero*, 182(2), 142–154. <https://doi.org/10.22409/rg.v18i2.1148>
- Bastos, L. F., & Sá, L. G. C. (2021). O que os olhos não veem, o coração não sente? Desenvolvimento de um instrumento brasileiro para avaliar a violência psicológica contra a mulher. *Contextos Clínicos*, 14 (2), 632–659. <https://doi.org/10.4013/ctc.2021.142.12>
- Bittar, D. S. (2012). *Ansiedade e depressão em mulheres vítimas de violência doméstica* [Monografia, Universidade Católica de Brasília]. Repositório Institucional UCB. <https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/handle/10869/1696>
- Carneiro, R. S., & Freire, R. (2015). Um estudo da relação entre violência psicológica e autoestima. *Revista Conexões Psi*, 3(1), 34–48. <https://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/conexoespsi/issue/view/65/showToc>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2021). *Visível e invisível: A vitimização de mulheres no Brasil* (3ª edição). FBSP. <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2023). *Visível e invisível: A vitimização de mulheres no Brasil* (4ª edição). FBSP. <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf>

- Guimarães, R. C. S., Soares, M. C. S., Santos, R. C., Moura, J. P., Freire, T. V. V., & Dias, M. D. (2018). Impacto na autoestima de mulheres em situação de violência doméstica atendidas em Campina Grande, Brasil. *Revista Cuidarte*, 9(1), 1988–1997.
- Haukoos, J. S., & Lewis, J. R. (2005). Advanced statistics: Bootstrapping confidence intervals for statistics with “difficult” distributions. *Academic Emergency Medicine*, 12(4), 360–365. <https://doi.org/10.1197/j.aem.2004.11.018>
- Hooks, B. (2020). *O Feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras* (14ª ed). Rosa dos Tempos. (Trabalho original publicado em 1952).
- Hooks, B. (2021). *Tudo sobre o amor: Novas perspectivas*. Editora Elefante. (Original publicado em 1952).
- Hutz, C. S., Zanon, C., & Vazquez, A. C. S. (2014). Escala de Autoestima de Rosenberg. In C. S. Hutz (Org.), *Avaliação em Psicologia Positiva* (pp. 85–94). Artmed.
- Kosak, M. M., Pereira, D. B., & Inácio, A. A. (2021). Gaslighting e mansplaining: As formas da violência psicológica. *Simpósio Gênero e Políticas Públicas*, 5(1), 251–262. <https://doi.org/10.5433/SGPP.2018v5.p251>
- Lara-Caba, E. Z. (2019). Autoestima en las mujeres víctimas de violencia por la pareja íntima. *AULA Revista de Humanidades y Ciencias Sociales*, 5(65), 9–16. <https://revistas.unphu.edu.do/index.php/aula/article/view/116>.
- Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. (2006). Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Constituição Federal. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm
- Magalhães, V. C. (2020). *Violência psicológica contra a mulher: Uma análise de sentidos*. [Monografia, Universidade de Taubaté]. Repositório Institucional de Unitau. <http://repositorio.unitau.br/jspui/handle/20.500.11874/5090>

-
- Martins, B. G., Silva, W. R., Maroco, J., & Campos, J. A. D. B. (2019). Escala de depressão, ansiedade e estresse: Propriedades psicométricas e prevalência das afetividades. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 68(1), 32–41. <http://dx.doi.org/10.1590/0047-2085000000222>
- Neal, A. (2018). *Relações Destrutivas: Se ele é tão bom assim, porque eu me sinto tão mal*. Editora Gente.
- Nicolodi, L. G., & Hunziker, M. H. L. (2021). O patriarcado sob a ótica analítico-comportamental: Considerações iniciais. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 17(2), 164–175. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v17i2.11012>
- ONU Mulheres Brasil. (2020). Violência contra as mulheres e meninas é pandemia invisível. ONU Mulheres Brasil. <https://www.onumulheres.org.br/noticias/violencia-contra-as-mulheres-e-meninas-e-pandemia-invisivel-afirma-diretora-executiva-da-onu-mulheres/>
- Paiva, T. T., Cavalcanti, J. G., & Lima, K. S. (2020). Propriedades psicométricas de uma medida de abuso psicológico na parceira. *Revista Colombiana de Psicología*, 29(1), 45–59. <https://doi.org/10.15446/rcp.v29n1.72599>.
- Pereira, D. C. S., Camargo, V. S., & Aoyama, P. C. N. (2018). Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 20(2), 10–25. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v20i2.1026>
- Queiroz, R. A., & Cunha, T. A. R. (2018). A violência psicológica sofrida pelas mulheres: Invisibilidade e memória. *Revista Nupem*, 10(20), 86–95. <https://doi.org/10.33871/nupem.v10i20.310>

- Rehman, S., & Qureshi, A. (2016). Domestic violence on women by their husbands in Gadap town, Karachi, Pakistan. *International Journal of Community Medicine and Public Health*, 3(11), 3252–3255. <https://doi.org/10.18203/2394-6040.ijcmph20163945>
- Rogers, M. M., Fisher, C., Ali, P., Allmark, P., & Fontes, L. (2022). Technology-facilitated abuse in intimate relationships: A scoping review. *Trauma, Violence, & Abuse*, 24(4), 2210–2226. <https://doi.org/10.1177/15248380221090218>
- Silva, L. L., Coelho, E. B. S., & Caponi, S. N. C. (2007). Violência silenciosa: Violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 11(21), 93–103. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000100009>
- Souza, C. R. V., Santos, T., Souza, C. R. V., & Souza, F. O. (2020). Relações abusivas: Um estudo contemporâneo sobre a violência doméstica em Nossa Senhora das Sores/Sergipe. *Ciências Humanas e Sociais*, 6(2), 277–293. <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/8829>
- Vignola, R. C. B., & Tucci, A. M. (2014). Adaptation and validation of the Depression, Anxiety and Stress Scale (DASS) to brazilian portuguese. *Journal Of Affective Disorders*, 155(2014), 104–109. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jad.2013.10.031>.
- Waiselfisz, J. J. (2015). *Mapa da violência 2015: Homicídio de mulheres no brasil*. ONU Mulheres. https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf
- World Health Organization. (2010). Preventing intimate partner and sexual violence against women: Taking action and generating evidence. *World Health Organization*. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/44350>.

World Health Organization. (2013). Estimaciones mundiales y regionales de la violencia contra la mujer: Prevalencia y efectos de la violencia conyugal y de la violencia sexual no conyugal en la salud, *Organización Mundial de la Salud*. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/85243>.

Zancan, N. (2016). *Estresse extremo e regulação emocional em mulheres em situação de violência conjugal* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul]. Repositório institucional PUCRS. <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/6662>.